SOUSA, A.C.; NORONHA, M.P. História Visual do Corpo na Arte Contemporânea: o Corpo Íntimo, a Arte Hiper-realista e os Registros Fotográficos. In: CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO DA UFG – CONPEEX, 3., 2006, Goiânia. **Anais eletrônicos do XIV Seminário de Iniciação Cientifica** [CD-ROM], Goiânia: UFG, 2006. n.p.

HISTÓRIA VISUAL DO CORPO NA ARTE CONTEMPORÂNEA: O CORPO ÍNTIMO, A ARTE HIPER-REALISTA E OS REGISTROS FOTOGRÁFICOS

SOUSA, Andréia Costa[1]; **NORONHA**, Márcio Pizarro[2].

Palavras-chave: arte contemporânea, fotografia, corpo íntimo

1. INTRODUÇÃO (justificativa e objetivos)

Como foi exposto no relatório parcial, optei, com a aprovação do professor orientador, por concentrar meus estudos e leituras das imagens nos suportes fotográficos, tomados como referencial das análises e discussões feitas. Observa-se que desde a sua invenção, ainda no século XIX, a fotografia tem remetido ao corpo, a sua mecânica, expressão, concreticidade e subjetividade, de onde surge o paradoxo do realismo fotográfico (GATTO, 2005). A fotografia orientou a construção de uma nova imagem do corpo na arte, além de novas formas de apreensão pelo expectador. A discussão característica do século XIX, em torno do valor artístico da fotografia, acabou mostrando-se "irrelevante e confusa". A polêmica que se gerou teria sido a expressão das transformações históricas provenientes das imagens técnicas". Os protagonistas destes debates não teriam conseguido perceber a "refuncionalização" da arte, persistindo em definir se a "fotografia era ou não arte, sem que se colocasse sequer a questão prévia de saber *se a invenção da fotografia não havia alterado a própria natureza da arte*" (BENJAMIN, 1994) Observa-se que a história das inúmeras manifestações de um corpo íntimo confunde-se com a história das fronteiras entre público e privado. Ao relacionar e analisar as obras com as proposições teórico-metodológicas; objetivamos estudar e desenvolver metodologias de pesquisa e interpretação aplicadas à leitura imagética, além de identificar obras de arte que propiciem um conhecimento/aprofundamento crítico no âmbito da arte contemporânea.

2. METODOLOGIA

2.1 – Identificação e seleção de imagens. Escolha das imagens de acordo com o objeto de estudo. Identificação de obras artísticas que mostrem situações de intimidade e da vida cotidiana.

2.2 – Identificação e seleção da natureza dos materiais a serem analisados. Tipos de obras e natureza do material e meio em que as mesmas foram reproduzidas.

2.3 – Constituição de um grupo restrito de imagens a serem trabalhadas. Descrição ou inventário das imagens (leitura denotativa).

2.4 – Leitura conotativa. A partir destes três primeiros momentos, o pesquisador desenvolverá uma identificação das imagens do corpo em situações de intimidade (vida doméstica, vida íntima).

[1] Bolsista de iniciação cientifica. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, deia7csouza@yahoo.com.br

[2] Orientador/Escola de Música e Artes Cênicas, marcpiza@terra.com.br

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Valerie and Gotscho embraced, Paris, 1999

A produção de Nan Goldin pode ser melhor analisada, quando se constata que a mesma encontra-se em uma busca obcecada e passional pela coleção, o que resulta em uma seqüência de imagens autobiográficas. Orientada por esta busca, Goldin "fotografa obsessivamente sua própria história, como uma espécie de diário que exibe ao público". Com as fotos dos seus amigos e da sua própria vida, Goldin consegue "um grau de aproximação quase inimaginável", deixando a impressão de que suas fotos são "extensões da sua câmera".

Mirandela-Banzaê - Bahia 09/1999

Gondim consegue, em suas fotografias um efeito de "congelamento" peculiar às cenas e pessoas que fotografa. Mas ao mesmo tempo que temos a imagem "congelada", percebemos que ela também "descongela" o momento quando somos remetidos à sua dimensão cultural e às relações sociais que nos apresenta (mesmo entendendo que a fotografia não constitua um *analogon* objetivo dos modelos sócio-culturais ou históricos).

Shelter, 1990

Uma das marcas características de Mário Cravo Neto é um constante fundo místico, mesmo em imagens que poderiam remeter a retratos de família, evidentemente evocando novos modelos de representação familiar na chamada “pós-modernidade”. Destaca desta forma, universos íntimos (imaginários e simbólicos) suscitados por uma força imaginativa comum, ao mesmo tempo em que ”evoca as cicatrizes e as delicadezas de uma herança deixada pela escultura, linguagem que desenvolveu no inicio de suas atividades artísticas”.

4. CONCLUSÃO

A fotografia, como documentação visual utilizada nesta pesquisa, revelou algumas dificuldades inerentes à sua leitura e/ou interpretação imagética. Observei o quanto é preciso apreender de antemão, embasamentos teóricos essenciais pertinentes à “linguagem” do visual (e às especificidades fotográficas) que capacitem a utilização da imagem pelo pesquisador/historiador da arte. Os maiores desafios encontrados no decorrer da interpretação das imagens foram, sobretudo, de natureza metodológica, desafio este, ainda a ser superado por boa parte dos historiadores do visual, no momento em que abdicam do uso da fotografia como mera transposição do real. Os meios de produção/criação da obra de arte também precisam de investigação mais criteriosa, além da consideração do caráter imaginário (ou mesmo psicológico) do artista e do seu expectador. A fotografia foi responsável por uma revisão de cânones artísticos, oferecendo ao homem novos modelos temporais, na medida em que “passa a ver mais e a ver menos ao mesmo tempo, porque passa a ver através da mediação de um instrumento técnico da sociedade racional e moderna”. Admitindo a fotografia como arte, portadora de fantasias e distorções que também constituem objeto de investigação das ciências humanas, esta deve receber o tratamento dado à própria linguagem, admitindo que seja também “culturalmente codificada” (BARTHES, 1990).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. O obvio e o obtuso: ensaios críticos III. Tradução: Lea Novaes. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: Obras escolhidas, vol. 1- Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 165-196.

GATTO, Patrícia. O corpo na fotografia: representações somáticas do tempo. In: GARCIA, Wilton (org.). *Corpo e Arte – estudos contemporâneos.* São Paulo: Nojosa edições, 2005. Vários autores.

JOSÉ DE SOUZA MARTINS, *A imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil*. Estudos avançados. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000200015&lng=es&nrm=&tlng=pt> Acesso em: 20/08/2006.

RUBENS FERNANDES, *Mário Cravo Neto.* Áries Editora. Disponível em: < http://www.cravoneto.com.br/pb/masp/po/texto.htm> Acesso em: 27/08/2006.

VIRNA TEIXEIRA, *Sobrevivendo no playground do inferno: os portraits de Nan Goldin*. Disponível em: <http://www.cronopios.com.br/site/colunistas.asp?id=465> Acesso em: 27/08/2006.